



Assim se elege um presidente da América

Por: Leonídio Paulo Ferreira | jornalista do Diário de Notícias, doutorado em História Contemporânea e mestre em Estudos Americanos. Fez a cobertura jornalística das eleições americanas de 2000 e de 2004.

O presidente Joe Biden contra o ex-presidente Donald Trump é neste momento o cenário mais provável para 5 de novembro, data das próximas eleições americanas. Mas o processo de escolha dos candidatos dos dois grandes partidos, Democrata e Republicano, é complexo e tradicionalmente demorado, envolvendo todos os estados. E por causa de um sistema eleitoral condicionado pelo federalismo, quem vai passar quatro anos na Casa Branca nem sempre é o mais votado na primeira terça-feira depois da primeira segunda-feira de novembro.

Da revista britânica *The Economist* ao diário francês *Le Monde* não falta quem tenha noticiado que este vai ser um ano recorde em termos de eleições, com 68 países envolvidos, representando 4,1 mil milhões de pessoas, o que equivale a metade da humanidade. Mas se há umas eleições que atraem verdadeiramente as atenções mundiais, essas são as presidenciais americanas de 5 de novembro, com uma provável repetição do duelo de 2020 entre Joe Biden e Donald Trump, ou seja, o atual presidente democrata contra o ex-presidente republicano.

Presidenciais, mas não só

O voto dos americanos a 5 de novembro vai escolher o presidente, mas também a totalidade dos 435 membros da Câmara dos Representantes (atualmente com maioria republicana) e um terço dos 100 membros do Senado (hoje com maioria democrata). Serão também eleitos os governadores de 11 dos 50 estados, assim como vários presidentes de câmara (ou mayors).

Campanha longa

Muitos dos candidatos, nomeadamente os presidenciais, anunciaram-se ainda no verão de 2023. Mas mesmo que tenhamos só em conta a data de realização da primeira das eleições primárias, que foi o caucus de 15 de janeiro deste ano no Iowa, todo o processo dura mais de um ano, pois a tomada de posse do presidente acontecerá a 20 de janeiro de 2025.

Caucus e primárias

Para escolherem o seu candidato presidencial, o Partido Democrata e o Partido Republicano vão a votos nos 50 estados, no Distrito de Columbia (onde fica Washington, a capital) e em vários territórios dependentes dos Estados Unidos, como Porto Rico. Chamadas de primárias, estas eleições têm dois formatos principais: o caucus (como o do Iowa, que é sempre o primeiro), palavra de origem índia que significa que grupos de

cidadãos reunidos em assembleias vão debatendo até fazerem uma escolha; e as primárias propriamente ditas (que têm no Novo Hampshire o tiro de partida), votações feitas pelos apoiantes de cada partido, apesar de em alguns estados poderem também votar pessoas não filiadas. Em regra, as primárias num estado são no mesmo dia para os dois grandes partidos.

Candidatos, candidatos e mais candidatos (ou talvez não)

Estas presidenciais apresentam menos candidatos do que é habitual. Por um lado, sendo Biden o presidente em funções, poucos são os democratas que ousam contestar a sua escolha como candidato, neste caso apenas dois, Marianne Williamson, uma autora de livros de auto-ajuda, e Dean Phillips, um congressista que até concorda com as ideias do favorito mas considera que a idade avançada (82 anos, no dia da eventual tomada de posse) é uma desvantagem que joga a favor de Trump. No campo republicano, vários candidatos foram desistindo, caso de Ron DeSantis, governador da Florida, que obteve 21% no caucus do Iowa mas já não se apresentou na primária seguinte. Depois do Novo Hampshire, que votou a 23 de janeiro, só Nikki Haley, ex-governadora da Carolina do Sul, continua a desafiar Trump: obteve nessa primária 43,2%, contra 54,3% do ex-presidente. Há também que contar com os candidatos de terceiros partidos e independentes. São conhecidos três, um deles com um apelido famoso, já que se chama Robert F. Kennedy e é sobrinho do presidente assassinado em 1963. Também concorrem um historiador, Cornel West, e uma médica, Jill Stein, que deverá ser novamente candidata dos Verdes.

O que é isso de Superterça-feira?

Os americanos têm a terça-feira como dia favorito para votar (5 de novembro também calha numa, mas já lá iremos). E quando vários estados organizam primárias ...

... em simultâneo isso significa que, ao invés do que se passou no Iowa ou no Novo Hampshire, os resultados do dia podem já esclarecer quem será o candidato de cada partido, o que este ano passa essencialmente por saber se Haley tem condições de surpreender Trump. Se a antiga embaixadora na ONU (nomeada por Trump quando presidente) se aguentar nas primárias de 24 de fevereiro na Carolina do Sul e nas de 27 de fevereiro no Michigan, então terá um grande teste a 5 de março, data dessa Super terça-feira em que votarão Alabama, Alasca, Arkansas, Califórnia, Carolina do Norte, Colorado, Maine, Massachusetts, Minnesota, Oklahoma, Samoa Americana, Tennessee, Texas, Utah, Vermont e Virgínia.

Quando se oficializam os nomeados por cada partido?

Dacota do Sul, Montana, Nova Jérсия e Novo México são as últimas primárias do calendário deste ano, a 4 de junho (haverá ainda dois caucus em territórios a 8). Os delegados escolhidos ao longo destes meses reunir-se-ão para nomear o candidato do partido nas respetivas convenções nacionais. A republicana está agendada para 15 a 18 de julho em Milwaukee, no Wisconsin, e a democrata para 19 a 22 de agosto em Chicago, no Illinois.

As convenções nacionais costumam ser uma festa de unidade partidária, depois da acesa luta nas primárias, mas no passado já foram palco de um derradeiro combate para designar o candidato, como aconteceu em 2016 entre os democratas Bernie Sanders e Hillary Clinton, com vitória desta última, depois derrotada nas urnas por Trump.

Voto dia 5 de novembro, uma terça-feira, porquê?

Há uma regra que vem de finais do século XVIII que estipula que as presidenciais devem ocorrer na primeira terça-feira depois da primeira segunda-feira de novembro, na prática sempre entre os dias 2 e 8. Permitia-se que, numa sociedade maioritariamente agrária, o votante fosse à missa no domingo e mesmo assim, se morasse longe do local das urnas, pudesse chegar a tempo de votar. E igualmente a tempo de estar de regresso a casa para o mercado que se realizava às quartas-feiras.

Com o passar dos tempos, e o fim natural da América agrária, a regra começou a ser questionada e até acusada de causar abstenção, pois as eleições são num dia útil. Mas a possibilidade de voto antecipado ou por correio fez a polémica desaparecer e assim mantém-se

esta curiosidade americana.

São mesmo necessários os grandes eleitores?

Desde 1992, os candidatos democratas foram os mais votados em todas as presidenciais exceto nas de 2004, quando George W. Bush ganhou um segundo mandato. O que significa que parece haver a nível nacional uma maioria sociológica democrata, bem exemplificada pelo triunfo em 2020 de Biden sobre Trump, 81 milhões de votos (51,3%) contra 74 milhões (46,8%), os dois homens mais votados da história americana, com a abstenção a ser de 33%. Contudo, a vitória não é atribuída ao candidato mais votado popularmente, mas sim ao que reunir a maioria no Colégio Eleitoral, que se reunirá este ano a 17 de dezembro. Tudo tem que ver com o federalismo e com a preocupação dos Pais Fundadores dos Estados Unidos (o país declarou a independência em 1776, obteve-a da Inglaterra em 1783) em proteger os pequenos estados. Assim, cada estado elege um número de eleitores igual à soma dos seus representantes e dos seus senadores. Por exemplo, o menos populoso dos estados, o Wyoming, tem três grandes eleitores, pois só tem um representante, a que se juntam dois senadores, tal como em todos os estados. Já a Califórnia, o mais populoso, tem direito a 54 grandes eleitores, ou seja 52 como os seus representantes e mais 2, o número fixo de senadores. O que significa isto na prática? Que a Califórnia com 39 milhões de habitantes, 67 vezes mais povoada do que o Wyoming, vale para efeitos de eleição do presidente apenas mais 18 vezes. E isso exige que um candidato em vez de fazer campanha apenas nos estados maiores, somando milhões e milhões de apoios, tenha de ir também aos estados pequenos, pois os seus três grandes eleitores podem ser o necessário para atingir a fasquia dos 270 votos. Com exceção do Nevada e do Maine, o candidato mais votado leva a totalidade dos grandes eleitores de cada estado. E porquê 270 para vencer? O Colégio Eleitoral é composto por 538 grandes eleitores, número igual à soma dos 435 representantes e dos 100 senadores, mais três a representar Washington, D.C. E 270 é metade mais um de 538.

Alguma vez os grandes eleitores não decidiram umas presidenciais?

Sim, é muito raro, e a mais polémica foi em 1825, quando nenhum candidato obteve a maioria absoluta no Colégio Eleitoral nas eleições de 1824. A Câmara dos Representantes foi chamada então a votar e elegeu ...

... John Quincy Adams para presidente em vez de Andrew Jackson, o candidato com mais voto popular. É dado assente que o Colégio Eleitoral respeite o espírito dos resultados populares em cada estado.

Além de John Quincy Adams, já houve outros presidentes que não obtiveram a maioria do voto popular?

Sim. Há mais dois casos no século XIX, e voltou a acontecer em 2000, com Bush filho a derrotar Al Gore, e em 2016, com Trump a derrotar Hillary Clinton, mesmo tendo os candidatos democratas mais voto popular. Apesar de críticas sistemáticas, o sistema sobrevive por ter a tal lógica de assegurar justiça relativa entre estados. E os derrotados por causa do sistema nunca o puseram verdadeiramente em causa. Gore, por exemplo, questionou de início a vitória de Bush filho mas por irregularidades na Florida, cujos grandes eleitores dariam a eleição presidencial ao candidato mais votado no estado.

Na noite de 5 de novembro saberemos o nome do presidente?

Sim, muito provavelmente. Em 2020, Trump decidiu pedir recontagem em alguns estados, mas mesmo assim era evidente na noite eleitoral que Biden tinha vencido, com 306 grandes eleitores contra 232 para Trump. Em 2000, sucessivas recontagens na Florida atrasaram o reconhecimento oficial do vencedor, mas a 12 de dezembro o Supremo Tribunal pôs fim ao processo e validou a vitória de Bush filho no estado e automaticamente no país.

O que são os swing states?

Os swing states, ou estados bailarinos, são os estados que de eleição para eleição se revelam dispostos a votar num ou outro partido. Um bom exemplo é o Ohio. Pelo contrário, estados como a Califórnia e o Texas há várias eleições que são seguros para os candidatos democratas e republicanos, respetivamente. Recordando a lógica dos grandes eleitores, e o facto de quem ganha num estado receber a totalidade destes, é mais provável uma campanha disputada no Ohio (18 grandes eleitores), com muitas visitas dos candidatos para convencer o eleitorado indeciso, do que nos pesos-pesados Califórnia (54 grandes eleitores) e Texas (40 grandes eleitores), ambos com vencedor antecipado.

Vermelho e azul

As grandes cadeias televisivas começaram a usar a partir das eleições de 2000 a cor vermelha para assinalar

os estados que votam republicano e o azul para os que votam democrata. Assim, as duas cores passaram a estar muito identificadas com os dois grandes partidos, tal como, por causa de um cartoon de jornal do século XIX, o burro é o animal símbolo dos democratas e o elefante representa os republicanos. Se olharmos para as últimas presidenciais, a costa oeste, a região dos Grandes Lagos e todo o nordeste são estados azuis, enquanto o sul e o interior americano são vermelhos.

Há diferenças ideológicas entre democratas e republicanos?

Sim, e mais pronunciadas do que no passado, em que muitas vezes havia congressistas capazes de votar em propostas do partido rival. Nos anos mais recentes, os democratas mostram-se mais internacionalistas, liberais em termos de costumes e acreditando numa certa intervenção do governo, seja federal ou estadual. Já os republicanos, estão cada vez mais isolacionistas, contrários à imigração, conservadores em termos de costumes, e a favor de menos intervenção do governo na economia. Um bom exemplo do fosso crescente entre os dois partidos foram as votações do chamado Obamacare, projeto do presidente Barack Obama para garantir acesso generalizado à saúde, que numa das versões, em 2009, foi aprovado pela então maioria democrata na Câmara dos Representantes e com apenas um voto na bancada republicana.

Com Trump como principal figura inspiradora, o Partido Republicano tornou-se mais imprevisível, à imagem do ex-presidente e agora candidato de novo.

Por falar em Trump, há alguma hipótese de não ser o candidato republicano em novembro?

Enquanto Nikki Haley estiver nas primárias, existe sempre a possibilidade de os republicanos não escolherem o magnata convertido em político. Mas Trump tem também que ultrapassar um outro obstáculo: as acusações de insurreição pelo seu comportamento antes e durante o assalto ao Capitólio, em Washington, a 6 de janeiro de 2021 por uma multidão de apoiantes que consideravam que a eleição de Biden tinha sido fraudulenta. A maioria dos nove juízes é conservadora, três até foram nomeados por Trump, mas tudo está em aberto, pois no passado várias vezes houve decisões a ultrapassar a lógica ideológica.

Quem serão os candidatos a vice-presidente?

Depois de nos primórdios da história americana o presidente e o vice-presidente poderem ser de ...

... partidos rivais, a regra passou a ser a eleição de uma dupla, ou ticket, no jargão político dos Estados Unidos. Biden volta a apresentar Kamala Harris como candidata a vice-presidente, a primeira mulher a ocupar o cargo. Trump, que se diz traído por Mike Pence, seu vice-presidente entre 2017 e 2021, pode também ser tentado a escolher uma mulher para o ticket. Mais jovem de certeza, para contrabalançar os seus 78 anos. Historicamente, cada partido escolhia o ticket para manter equilíbrios regionais, ideológicos e até geracionais. Por exemplo, em 1960, no Partido Democrata, o católico do Massachusetts John Kennedy, o liberal que é até hoje o mais jovem presidente eleito, com 43 anos, teve como vice o texano protestante Lyndon Johnson, um (teoricamente) conservador de 52 anos.

Existe um voto étnico?

Sim, e que é estudado ao pormenor pelos candidatos, pois pode ser decisivo em alguns estados. Hoje os brancos não hispânicos representam 60% da população e as minorias 40%. Estas últimas tendem a apoiar os candidatos democratas: nas últimas presidenciais, Biden teve 92% dos votos afro-americanos e 65% dos votos hispânicos. Um regresso de Trump à Casa Branca exige-lhe melhorar o seu desempenho entre as minorias étnicas.

Que América vamos ter a 20 de janeiro de 2025?

Muito provavelmente uma América dividida, seja quem for o vencedor das eleições. Mas mesmo assim uma América com 330 milhões de habitantes, que continuará a ser a mais forte economia do mundo, segundo o FMI, a maior potência militar, de acordo com o instituto sueco SIPRI, o país com as melhores universidades (oito no top ten, segundo o Ranking de Xangai) e também o país com mais prémios Nobel, nomeadamente nas áreas científicas.

As opiniões expressas são pessoais e vinculam apenas o autor.

Artigo redigido a 9 de fevereiro

Para além da Direção de Estratégia, contribuiu para a elaboração deste documento, para a revisão do mesmo, a Direção de Supervisão e Compliance.

Caixa Gestão de Ativos, SGOIC, S.A.

Sede Social: Av. João XXI, 63 - 1000-300 Lisboa

Capital Social € 9.300.000 - NIPC 502 454 563

www.caixagestaodeativos.pt

Esta informação é realizada com um objetivo informativo. Não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato ou investimento que possa ser realizado. Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Gestão de Ativos, SGOIC, S.A. (empresa do Grupo Caixa Geral de Depósitos) e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Gestão de Ativos, SGOIC, S.A., por perdas ou danos causados pelo seu uso.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rentabilidade futura.

A presente informação não dispensa, de modo algum, a consulta das Informações Fundamentais destinadas aos Investidores (IFI) ou dos Documentos de Informação Fundamental (DIF) e dos Prospetos, disponíveis em www.cmvm.pt e www.caixagestaodeativos.pt

Salvo autorização expressa da Caixa Gestão de Ativos, não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Gestão de Ativos, não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.



Caixa. Para todos e para cada um.



Caixa Gestão de Ativos